



JACK LONDON



CHAMADO
SELVAGEM

Traduzido por José Luiz Perota



Sumário

[Ficha Técnica](#)

[Sumário](#)

[Sobre o Autor](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

Ficha Técnica

Copyright © 2011 por Editora Dracaena.

Os direitos desta tradução estão reservados à Editora Dracaena.

Projeto Gráfico e Diagramação: Francieli Kades

Tradução: José Luiz Perota

Revisão: José Luiz Perota, Davi Araújo

Capa: César Oliveira

1ª Edição: junho / 2011

LONDON, Jack

O chamado selvagem / Jack London ; Tradução José Luiz Perota

Título Original: The call of the Wild

1. Literatura Americana, Naturalismo, Jack London, Natureza Selvagem, Clássicos da Literatura, Buck.

Sobre o Autor

Jack London (12 de janeiro de 1876 - 22 de novembro de 1916) foi um autor americano de grande notoriedade. Seu nome foi um pseudônimo; ele provavelmente nasceu como John Griffith Chaney.

O autor teve uma vida curta, porém muito produtiva. Produziu centenas de contos, artigos e mais de 50 livros. Entre eles estão: O lobo do mar, Caninos brancos, A filha das neves. Tornou-se um dos mais bem pagos escritores no início do século XX.

Seus livros se baseavam em muitas aventuras e fatos vividos pelo próprio London, como em O Chamado Selvagem, baseado em sua experiência na corrida do ouro de Klondike.

Introdução

O Chamado Selvagem lançado em 1903 é considerado a obra-prima de London e um de seus principais trabalhos, tendo emocionado milhões de pessoas em todo o mundo contando a jornada de Buck, um cão são-bernardo que é raptado de seu confortável lar e levado para o Yukon durante a corrida do ouro no século 19.

Emocione-se e aventure-se com Buck nessa incrível jornada.

Capítulo 01

O retorno às Origens

*“Afloram velhos desejos nômade,
Que se tornam mais intensos na corrente do hábito;
De novo, do seu sono hibernar,
Desperta a estirpe ferina.”*

Buck não lia os jornais, ou teria sabido do problema que estava surgindo, não só para ele, mas para todos os cães de músculos fortes e pelo comprido e quente, que habitavam a costa marítima, de Puget Sound a San Diego. Porque alguns indivíduos, tateando a escuridão ártica, tinham encontrado um metal amarelo e porque companhias de transporte e navios a vapor estavam impulsionando a descoberta, milhares de homens estavam correndo para as terras do Norte. Esses homens queriam cães corpulentos e com músculos fortes para o trabalho pesado e casacos de pele para protegê-los do frio intenso.

Buck vivia em uma grande casa no ensolarado Vale Santa Clara. A casa do juiz Miller, como era chamada. A casa ficava afastada da estrada, meio escondida entre as árvores, através das quais se podia vislumbrar a varanda arejada e ampla que rodeava toda a construção. Davam-lhe acesso os caminhos de cascalho que sulcavam os extensos

prados e estavam sob os ramos entrelaçados de altos álamos. Nos fundos, as coisas eram ainda mais espaçosas do que na frente. Havia grandes estábulos, onde uma dúzia de

cavaliços e garotos conversavam enfadonhamente, filas de casas de criados forradas de vinhas, um conjunto interminável e ordenado de anexos, extensas vinhas, pastos verdejantes, pomares e canteiros de morangos. Havia ainda as instalações da bomba para o poço artesiano e um grande tanque de cimento, onde os filhos do juiz Miller davam o seu mergulho matinal e refrescavam-se nas tardes quentes.

E, sobre esse vasto domínio, Buck reinava. Ali nascera e vivera os quatro anos de sua vida. Era verdade que havia outros cães - tinha de haver outros cães em um local tão vasto - mas esses não contavam. Eles iam e vinham, moravam em canis populosos ou moravam obscuramente nos recantos da casa, como Toots, o cãozinho japonês, ou Ysabel, a mexicana sem pelo, criaturas estranhas que raramente punham o focinho fora das portas ou pisavam as terras. Por outro lado, havia os fox terriers, pelo menos uma vintena deles, que ladravam ameaças terríveis para Toots e Ysabel, espreitando-os pelas janelas e protegidos por uma legião de criadas armadas com vassouras e esfregões.

Mas Buck não era cão de casa nem de canil. Todo o território era dele. Mergulhava no tanque ou caçava com os filhos do juiz, escoltava Mollie e Alice, as filhas, em longos passeios ao crepúsculo ou de manhãzinha; nas noites de inverno, deitava-se aos pés do juiz, diante da lareira crepitante da biblioteca; carregava os netos do juiz às costas, ou fazia-os rolar na grama e guardava os seus passos nas aventuras travessas até a fonte, no pátio dos estábulos, e ainda mais longe, onde estavam os cercados dos cavalos e os canteiros de morangos. Caminhava arrogantemente entre os terriers

e ignorava completamente Toots e Ysabel, pois era rei - rei sobre todas as coisas rastejantes, trepadoras e voadoras do sítio do juiz Miller, incluindo as pessoas.

Seu pai, Elmo, um enorme são-bernardo, fora a companhia inseparável do juiz, e Buck prometia seguir os passos do pai. Ele não era tão grande - pesava apenas sessenta e três quilos - pois

sua mãe, Shep, era uma cadela da raça pastor-escocês. Contudo, sessenta e três quilos, a que vinha se juntar a dignidade que resulta do bom viver e do respeito ilimitado, permitiam-lhe um porte deveras majestoso. Durante os seus primeiros quatro anos, vivera como um aristocrata satisfeito; tinha um grande orgulho de si mesmo e até era um pouco egoísta, como, às vezes, os senhores do campo se tornam, por causa da sua situação provinciana. Mas ele se preservara por não se tornar um mero cão de casa mimado. A caça e o gosto pelo ar livre tinham impedido a gordura e enrijecido os seus músculos; e para ele, como para os corpulentos animais das regiões frias, o amor pela água agira como um tônico e um preservador da saúde.

E assim era Buck no outono de 1897, quando a descoberta do Klondike arrastou homens de todo o mundo para o Norte gelado. Mas Buck não lia os jornais e não sabia que Manuel, um dos ajudantes de jardineiro, era um conhecido indesejável. Manuel tinha um pecado que o assediava: adorava jogar loteria chinesa. No seu jogo, tinha uma fraqueza que o assediava também: fé em um sistema, o que significava ruína certa, porque jogar com um sistema exige dinheiro, enquanto que o salário de um ajudante de jardineiro mal chega para as necessidades de uma mulher e da numerosa prole.

O juiz estava em uma reunião da Associação dos Produtores de Uva Passa e os rapazes estavam ocupados em organizar um clube desportivo, na noite memorável da traição de Manuel. Ninguém o viu sair com Buck pelo pomar, no que Buck imaginava ser um simples passeio. E, à exceção de um homem que estava sozinho ali, ninguém os viu sair para a pequena estação conhecida como College Park. Esse homem conversou com Manuel e se ouviu o dinheiro tilintar entre eles.

- Você podia embrulhar a mercadoria antes de entregá-la - disse o estranho, rispidamente, e Manuel passou um pedaço de corda grossa em volta do pescoço de Buck, por baixo da coleira.

- É só torcê-la e você irá esmagá-lo o suficiente - disse Manuel, e o estranho grunhiu uma pronta aprovação.

Buck aceitara a corda com serena dignidade, o que era, com certeza, um ato raro, mas ele aprendera a confiar nos homens que conhecia e a lhes dar crédito por uma sabedoria que excedia à sua. Mas quando as pontas da corda foram colocadas nas mãos do estranho, rosnou ameaçadoramente. Apenas insinuou seu descontentamento, acreditando, em seu orgulho, que insinuar era estar no comando. Mas, para sua surpresa, a corda foi apertada em seu pescoço, cortando-lhe a respiração. Em um ataque de fúria, lançou-se sobre o homem, que o apanhando a meio do salto, agarrou-o fortemente pelo pescoço, e com uma torção hábil, arremessou-o de costas. Então, a corda foi apertada sem piedade, enquanto Buck, com a língua de fora e o peito largo ofegando em vão, debatia-se furiosamente. Em toda a sua vida, nunca fora tão maltratado e nunca estivera tão furioso. Sua força se esvaiu, seus olhos ficaram vidrados e já tinha perdido os sentidos, quando o trem deu

o sinal de partida e os dois homens o atiraram para dentro do furgão.

Quando voltou a si, sentiu vagamente que sua língua estava doendo e que estava sendo levado em algum tipo de condução. O silvo rouco de uma locomotiva, apitando em um cruzamento, revelou-lhe onde estava. Viajara muitas vezes com o juiz para não conhecer a sensação de ser transportado em um furgão. Abriu os olhos e neles faiscou a raiva incontida de um rei sequestrado. O homem quis agarrar a sua garganta, mas Buck foi mais rápido do que ele, em cuja mão cravou os dentes, e não afrouxou até que perdeu o sentido mais uma vez.

- É isso, o cão tem ataques - o homem disse, escondendo a mão mutilada do carregador de bagagens, que fora atraído pelo barulho da luta. - Estou levando-o para São Francisco, por ordem do patrão. Um excelente veterinário de lá diz que pode curá-lo.

Sobre a viagem daquela noite, o homem discursou para si mesmo, de forma muito eloquente, nos fundos de uma taberna, na região portuária de São Francisco.

- Só recebo cinquenta por isso - resmungou - e não o faria, de novo, por mil, em dinheiro vivo.

Sua mão estava envolta em um lenço ensanguentado e a perna direita das calças estava rasgada, do joelho ao tornozelo.

- Quanto o outro cara recebeu? - perguntou o taberneiro.

- Cem - foi a resposta. - Ele não aceitaria um tostão a menos, juro.

- O que dá um total de cento e cinquenta - o taberneiro calculou - e ele vale isso, ou sou um idiota.

O sequestrador retirou o lenço ensanguentado e olhou para sua mão lacerada:

- Se eu não pegar hidrofobia...

- Vai ser assim, porque o seu destino é a força - escarneceu o taberneiro. Olhe, ajude-me, antes de dar o fora daqui - acrescentou.

Atordoado, sofrendo dores insuportáveis na garganta e na língua e semimorto por estrangulamento, Buck tentou enfrentar os seus algozes. Mas foi derrubado e asfixiado repetidas vezes, até que eles conseguiram lixar e retirar a pesada coleira de latão do seu pescoço. Então, a corda foi removida e ele foi arremessado para uma espécie de jaula.

Ali ficou o resto da noite fatigante, remoendo a sua cólera e o orgulho ferido. Não podia entender o que tudo aquilo significava. O que queriam dele, esses homens estranhos? Por que o estavam mantendo fechado nessa jaula apertada? Não sabia a razão, mas se sentia oprimido pelo vago pressentimento de calamidade iminente. Durante a noite, levantava-se de um salto, várias vezes, ao ouvir a porta do barracão abrir com chiado, esperando ver o juiz ou os filhos deste, pelo menos. Mas a cada vez era a face saliente do taberneiro que o espiava pela luz débil de uma vela de sebo, e o

latido alegre que tremia na garganta de Buck era transformado em um rosnado selvagem.

Mas o taberneiro deixou-o sozinho e, pela manhã, quatro homens entraram e pegaram a jaula. Mais algozes, concluiu Buck, pois eram criaturas mal-encaradas, esfarrapadas e